

A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO SOB O ENFOQUE DE DIFERENTES AUTORES

Maria Inez Nogueira Garcia

O texto que segue tenta analisar a evolução do pensamento geográfico, estabelecendo um paralelo entre os diferentes enfoques dos quatro autores escolhidos.

1) Antonio Carlos Robert Moraes:

- "Geografia - Pequena História Crítica"
- "Ideologias Geográficas"

2) Manuel Correia de Andrade:

- "Caminhos e Descaminhos da geografia"
- "Geografia - Ciência da Sociedade - Introdução à Análise do Pensamento Geográfico".

3) Nelson Werneck Sodré:

- "Introdução à Geografia - Geografia e Ideologia"

4) Roberto Lobato Correa

- "Região e Organização Espacial"

Foram também usados, como bibliografia:

- Enciclopédia Delta Universal
- Leandro Konder - "O que é Dialética"
- Pierre George - "Os métodos da Geografia"
- Yves Locaste - "A Geografia serve, antes de mais nada para fazer a guerra"

JUSTIFICAÇÃO

Procuramos iniciar pela bibliografia, para que ela não ficasse como uma anotação no final do texto (que geralmente não se lê) como também queremos com isso estimular o professor a realizar essas leituras.

Quando nos referimos aos 4 autores enfocados, colocamos diante das citações - no decorrer da análise, o mesmo número que os indica no início deste texto.

Antes de iniciarmos o trabalho a que nos propusemos queremos registrar o nosso especial agradecimento as professoras Alice Yatiko e Margarida de O. A. Fernandes, e também aos que de uma forma ou de outra, colaborará conosco.

O pensamento geográfico evoluiu, desde que a Geografia surgiu "com as primeiras comunidades gentílicas"³.

Os autores referenciados diferem na maneira como apresentam essa evolução.

Nelson Werneck Sodré³, coloca a evolução do pensamento geográfico na passagem entre:

- determinismo geográfico,
- possibilismo geográfico e
- geopolítica.

Sua análise, embora não chegue s formulações mais modernos da Geografia (anterior a Hartshome), é um trabalho de leitura obrigatória sobre as origens e fontes da Geografia Tradicional e sobre a influência das escalas acima citadas, no pensamento geográfico brasileiro.

Roberto Lobato Correia, distingue diferentes correntes, destacando:

- o Determinismo Ambiental
- o Possibilismo
- o Método Regional
- a Nova Geografia
- a Geografia Crítica.

Seu trabalho é mais abrangente que o de Newton W. Sodré, pois chega até a atualidade. Roberto L. Correia, chama "as correntes acima citadas de "paradígnas da Geografia", esclarecendo no entanto que "o Determinismo Ambiental e menos ainda o Possibilismo, não desapareceram totalmente", mas perderam o destaque, sobretudo o Determinismo ambiental. Por outro lado a Geografia Crítica, último modelo a ser incorporado, passa a coexistir conflitivamente com os outros, principalmente a Nova Geografia.

Manuel Correia de Andrade, destaca diferentes períodos que vão periodizar o pensamento geográfico. Assim destaca:

- A) o período clássico (de 1901 a 1946)
 - B) o período moderno (após a 2ª Guerra Mundial)
- A) No período clássico, distingue as diferentes escolas:
- Escola Alemã - (com o determinismo e com tendência ecológica)
 - Escola Francesa - (com o possibilismo e a valorização da Geografia Regional)
 - Escola Britânica - (de influência francesa no regionalismo e da influência alemã (determinismo) nas suas teses de "áreas coração")
 - Escola Norte-Americana - (de influência determinista, destacando-se Harstshorne - teorizador clássico que estabeleceu 2 formas de estudo: - Geografia Ideográfica (estudo a partir da região - particular) - Geografia Nomotética (Geral).
 - Escola Soviética - pioneira no uso da Geografia no planejamento do território.

B) No período moderno onde os geógrafos se tornam conscientes do esgotamento da Geografia Clássica, surgem então:

- a Geografia Aplicada
- a Geografia Ativa
- o renascimento da Geografia Política, desvinculada da Geopolítica.

- a Geografia Teórica (dominada pelos modelos matemáticos).

Manuel Correia de Andrade, faz ainda uma análise da evolução da Geografia, nos últimos 30 anos, em que distingue 4 grandes correntes teórico- metodológicas:

- 1 - a corrente teórica-quantitativista
- 2 - a corrente da Geografia do Comportamento e da Percepção
- 3 - a corrente Ecológica
- 4 - a corrente Crítica ou Radical

Antonio Carlos Robert Moraes, como não poderia deixar de ser, também enfoca o determinismo e o possibilismo, mas como doutrinas, vinculando a evolução do pensamento geográfico aos geógrafos mais proeminentes. Assim liga:

- 1 - A Sistematização da Geografia (Geografia com "status" de ciência) a Humboldt e Ritter.
- 2 - A Antropogeografia, a Ratzel (bases para o Determinismo Geográfico).
- 3 - A Geografia Humana, a Vidal de La Blache (onde coloca a doutrina do Possibilismo)
- 4 - O avanço para além do Determinismo e Possibilismo - a proposta de Hartshorne (Geografia Racionalista)
- 5 - A Geografia Pragmática, como fruto do movimento de renovação da Geografia, sendo que ela vai substantivar algumas propostas diferenciadas como por exemplo:
 - 5.1. - a Geografia Quantitativa - (que no Brasil se desenvolveu sob o nome de Geografia Teórica)
 - 5.2. - a Geografia Sistemática ou Modelística (teoria dos sistemas)
 - 5.3. - a Geografia da Percepção ou Comportamental (é tida como uma via de objetivação da Geografia Pragmática, aquela que se aproxima da Psicologia)
- 6 - A Geografia Crítica - como outra vertente no movimento de renovação da Geografia, agrupando os que se posicionam por uma transformação da realidade social.

Para Antonio C. R. Moraes, na evolução do pensamento geográfico, apenas a Geografia Crítica (item 6) propõe uma mudança total, enquanto as demais (itens 1 a 5) se fundamentam no positivismo de A. Conte.

A GEOGRAFIA COMO CIÊNCIA

A Geografia só se solidifica como ciência autônoma nas últimas décadas do século XIX, devido as formulações feitas por aqueles que "serviram aos desígnos de seus governos, de expansão colonial, ou a analisavam para criticar as estruturas políticas então dominantes". (2)

Antes de sua institucionalização como ciência autônoma o pensamento geográfico evolui. "Inicialmente o conhecimento geográfico era eminentemente prático, empírico, limitava-se a catalogar e a cartografar nomes de lugares, servindo aos exércitos que avançavam em regiões vizinhas, para que o fizessem com mais segurança". Servia também aos governos que organizavam a administração e a divisão administrativa de países e impérios; aos comerciantes que acrescentavam aos nomes dos lugares, indicações sobre as possibilidades de produção de determinadas áreas, com informações sobre os principais produtos que poderiam ser aí explorados e da força de trabalho disponível". (2)

A necessidade da geografia passar a ter um caráter mais científico, surgiu quando os navegadores passaram a necessitar maior segurança para suas viagens e os exploradores precisavam descobrir minérios, bem como as localização de "áreas que pudessem ser utilizadas na produção de gêneros agrícolas disputados no mercado europeu". (2)

As preocupações científicas, geográficas surgiram no século XIX, quando Alexandre de Humboldt, fazendo grandes viagens observou as relações entre os tipos de vegetais, o clima e o solo; "preocupando-se ainda em observar os sistemas de exploração da terra e do homem e as relações estabelecidas e estruturadas entre os dominadores e dominados para obterem uma utilização mais racional dos recursos disponíveis". (2)

Paralelamente a Humboldt, Karl Ritter estudou os vários sistemas de organização do espaço terrestre, comparando povos, instituições e sistemas de utilização dos recursos. Esses dois alemães são considerados os sistematizadores da geografia, isto é, esta passa a ter "status" de ciência, torna-se autônoma.

A Geografia teve grande importância porque atendeu aos desafios que a burguesia, como classe dominante, encontrou na sua luta pela exploração dos recursos e dos homens na superfície da Terra. Como os meios, conforme a situação econômica e social de cada país e os desafios que os governos, comprometidos com as classes dominantes, encontravam para fazer seu próprio "desenvolvimento", fossem diversos, ela se fragmentou em escolas nacionais e até regionais. Assim surgiram as escolas: alemã, francesa, britânica, soviética, americana, etc..

Estas escolas, porém não se apresentavam como compartimentos estanques, separados completamente em suas posições e métodos; elas se orientavam para estudos de maior interesse para o próprio país e procuravam soluções e orientações que justificassem a ação dos mesmos. Serviram na Alemanha para justificar e tentar legitimar a luta pelo espaço vital, na França e na Grã-Bretanha para melhor conhecer os seus impérios

coloniais, nos Estados Unidos e na Rússia para justificar e consolidar a expansão por áreas contínuas e habitadas por povos pobres que permaneciam sob seu domínio e orientação. Tinham essas **escolas**, um sentimento nacionalista, estavam comprometidas com os governos de que dependiam e a que serviam”.

Dessa forma, o pensamento geográfico Tradicional, só tem mesmo um vínculo seguro: **o temário geográfico**.

“Pelo temário geral da geografia, esta disciplina discute os fatos referentes ao espaço” - **“a superfície terrestre”**.

Um outro sustentáculo da Geografia Tradicional são os **princípios da Geografia**. Esses **“princípios elaborados no processo de constituição dessa disciplina, são tidos como inquestionáveis”... eles foram “formulados a partir da pesquisa de campo”,... e “atuam como regras de procedimento. Entre esses princípios, os mais expressivos são: “o princípio da unidade terrestre - “a Terra é um todo, que só pode ser compreendido numa visão de conjunto;” o “princípio da individualidade” - “cada lugar tem uma feição, que lhe é própria e que não se reproduz de modo igual em outro lugar;” o “princípio da atividade” - “Tudo na natureza está em constante dinamismo”, “o princípio da conexão” - todos os elementos da superfície terrestre e todos os lugares se inter-relacionam;” o “princípio da comparação” - a diversidade dos lugares só pode ser aprendida pela contraposição das individualidades; o “princípio da extensão” - todo fenômeno manifesta-se numa porção variável do planeta; o “princípio da localização” - a manifestação de todo fenômeno é possível de ser delimitada; Esses princípios foram usados pela Geografia Tradicional ou Clássica como um “receituário de pesquisa”... “Definiam os traços que faziam um estudo ser aceito como de Geografia”, porém acríticos, descompromissados com a realidade (visão superficial dos fatos).**

O pensamento geográfico Tradicional é ainda perpassando por **“dualismos**: Geografia Física - Geografia Humana, Geografia Geral - Geografia Regional, Geografia Sintética - Geografia Tópica, Geografia Unitária - Geografia Especializada”.

Os autores citados são unânimes em **ligar a Geografia Clássica ou Tradicional ao Positivismo**.

Antonio C. R. Moraes chama de **“postulados do positivismo”, o conjunto de correntes não dialéticas**, e considera que eles são “o patamar sobre o qual se ergue o pensamento geográfico tradicional, dando-lhe unidade.

A ligação entre a Geografia Tradicional e o método positivista, segundo ele tem sua primeira manifestação “na redução da realidade ao mundo dos sentidos,... na aparência dos fenômenos. Assim, para o positivismo, os estudos devem restringir-se aos aspectos visíveis do real, mensuráveis, palpáveis... A descrição, a enumeração, a classificação dos fatos referentes ao espaço são momentos de sua apreensão, e a **Geografia Tradicional se limitou a eles**.

A GEOGRAFIA CONTEMPORÂNEA

Manuel Correa de Andrade delimita o **período moderno** da Geografia, com a 2ª Guerra Mundial. Analisa, primeiramente, "o impacto da 2ª Guerra sobre a sociedade e a cultura". Diz ele: "A Guerra de 1934/45 provocou a destruição da economia e das cidades da maior parte dos países europeus; velhos valores sociais e morais desapareceram e a destruição

material provocou a **necessidade de reconstrução**". **E como reconstruir? Apenas restaurando o que havia? Era impossível.** Como reconstruir de outra forma? Era preciso planejar. "Mas a reconstrução e o planejamento não poderiam esquecer que, durante a guerra, grupos econômicos burgueses enfraqueceram-se, foram parcialmente ou totalmente absorvidos pelo capital estrangeiro - americano sobretudo - e passaram a defrontar-se com um movimento operário cada vez mais consciente dos seus direitos. O planejamento deveria portando, levar em conta os choques de interesses entre os grupos econômicos dos países diferentes e de um mesmo país e a sua capacidade de reação frente à pressão do movimento operário.

Nos países socialistas, "feita a planificação, desaparecia a luta entre os grupos econômicos e eliminava-se a influência do capital estrangeiro".

"A generalização das políticas de planejamento abria novas perspectivas de trabalho para os cientistas sociais que eram usados no levantamento do diagnóstico".

Para os geógrafos passou a ser desafio trabalhar em colaboração com outros especialistas: "Daí o crescimento e até o surgimento de disciplinas do conhecimento geográfico (...) se passou a falar em **Geografia Aplicada** e em **Geografia Ativa**", isto porque geografia Clássica ou Tradicional já não atendia as necessidades do momento histórico, pois esta apenas descrevia, enumerava e classificava os fatos geográficos.

Foi Pierre George quem distinguiu Geografia Aplicada da Geografia Ativa, afirmando "É por isso que é tão importante separar a missão de uma Geografia Ativa, que é trabalho científico, de uma Geografia Aplicada, ou mais exatamente de uma aplicação dos dados fornecidos pela Geografia, que é tarefa de administradores. Para Pierre George, A Geografia Ativa tem seu campo de Ação no "balanço Geográfico do subdesenvolvimento"... e do desigual desenvolvimento dos setores industrial e agrícola.

"A renovação dos pós-guerra veio provocar o renascimento da **Geografia Política, desvinculada da Geopolítica**, através da análise não só dos problemas de fronteiras entre Estados, como também do papel do Estado na produção e reprodução do seu espaço interno, estudos que vieram contribuir para que o planejamento deixasse de ser muito tecnocrático e passasse a levar em conta características e interesses regionais e locais".

"Conforme o nível de desenvolvimento e o sistema econômico adotado em um país, foram os geógrafos orientados em direções diversas".

Na União Soviética os geógrafos foram engajados nos trabalhos de planificação, nas equipes dos problemas físico-naturais.

Na França, numerosos geógrafos trabalharam no Ministério da Reconstrução, passando a fazer o diagnóstico da situação, visando reorganizar o funcionamento dos estabelecimentos industriais e cidades destruídas pela guerra.

Nos Estados Unidos, Walter Izarde (economista) criou a Ciência Regional, dedicada a análise regional, utilizando métodos matemáticos/estatísticos.

Surgiu então a **Geografia Teorética**, dominada por modelos matemáticos. Foi a valorização do quantitativismo.

“O grande centro de difusão dessas idéias foi a Universidade de Chicago”.

No Brasil, a Geografia teórico-quantitativa, teve difusão nos fins da década de 60 e 1º período na de 70, “quando o Governo Militar estava consolidado e procurava integrar a economia brasileira como dependente, à economia mundial, e projetava, de forma linear, um crescimento da economia brasileira que a levaria, segundo a propaganda, a colocar o país entre as grandes potências”. O governo acionou então o IBGE para apoio aos novos métodos. “Desprezaram a orientação francesa” e (...) promoveram a vinda de americanos e ingleses para ministrar cursos no Brasil, (...) passando-se a fazer verdadeira guerra contra os geógrafos que não aderiram à “revolução quantitativa”.

Essa situação porém não se manteve porque, “passada a fase áurea do crescimento capitalista (pós-guerra da Coréia) a realidade passou a ser de recessão econômica e desestabilização dos regimes autoritários do Terceiro Mundo; “Os geógrafos quantitativista então compreenderam a fragilidade de suas postulações e se dividiram em 2 grandes grupos: um liderado por Harvey, que aderiu ao marxismo, talvez fazendo uma **leitura positivista dos ensinamentos de Marx** e outro, por Brien Berry, que procurou atenuar a agressividade dos quantitativistas”.

No Brasil - (continuando o trabalho iniciado desde a década de 40, por estudiosos comprometidos com a realidade como Josue de Castro e Caio Prado Junior) - alguns geógrafos passaram a apresentar um novo caminho para o pensamento geografico brasileiro. Uns seguiram a interpretação marxista, outros apenas apresentando compromissos com as transformações sociais e outros ainda, desenvolveram trabalhos iniciais dos estudos de Geografia da percepção.

A GEOGRAFIA NA ATUALIDADE

Como já citamos, no início deste trabalho, Manuel C. de Andrade, analisa os últimos 30 anos da evolução do pensamento geográfico, destacando 4 grandes correntes teórico-metodológicas.

Quizemos dar uma atenção especial a êsse período, por isso retornamos agora com um detalhamento sobre o tema.

1 - A CORRENTE TEÓRICO-QUANTITATIVISTA:

“Esta corrente destacou por usar em larga escala os modelos matemáticos- estatísticos. Rompeu com a Geografia Clássica ou Tradicional e se apresentou como uma nova Geografia” (no Brasil - **Geografia Teorética**).

“Condenou, no ensino, o uso de excursões, das aulas práticas de campo, por achar desnecessária a observação da realidade “(...)”, procurando visualizar a problemática através de desenhos e diagramas “(...) comprometida com a reflexão teórica”.

Antonio C. R. Moraes exemplifica como explicar o temário geográfico com o uso de métodos matemáticos. Diz ele: “ao estudar uma determinada região, a análise deveria começar pela contagem dos elementos presentes (número de estabelecimentos agrícolas, total de população, extensão, número e tamanho das vilas e cidades, etc); este procedimento forneceria tabelas numéricas de cada dado, as quais seriam trabalhadas estatisticamente; (...) ao final, dariam a explicação da região estudada.”

2 - A CORRENTE DA GEOGRAFIA DO COMPORTAMENTO E DA PERCEPÇÃO

Do grupo que se insurgiu contra a Geografia teórico-quantitativa e que se achava mais próximo da Psicologia, surgiu **dentro da Geografia Pragmática** a Geografia da Percepção ou Comportamental.

Essa Geografia procura “entender como os homens percebem o espaço por eles vivenciado, como se dá sua consciência em relação ao meio que os encerra, como percebem e como reagem frente às condições e os elementos da natureza ambiente, e como este processo se reflete na ação sobre o espaço.

Os seguidores desta corrente tentam explicar a valorização subjetiva do território, a consciência do espaço vivenciado, o comportamento em relação ao meio. As pesquisas efetuadas abordam temas como os seguintes: o comportamento do homem urbano, em relação aos espaços de lazer, a influência das formas, na produtividade do trabalho; a relação das sociedades com a natureza, expressas na organização dos parques, entre outros”.

É uma nova forma, de se voltar por caminhos mais modernos às velhas fontes do pensamento geográfico, pois se inspira entre outros no **positivismo**. É também profundamente **subjetiva**, pois se preocupa com o papel do homem, como ser independente. Surgiram estudos geográficos integralmente envolvidos na educação ambiental, com estudos de como o indivíduo tem a percepção do lugar próximo e do lugar distante; havendo aí uma tendência a idealização de tantos espaços quantos forem os indivíduos a percebê-los.

Esse grupo apresenta grande preocupação com a criança, e com o futuro da humanidade havendo um aproximação entre os geógrafos da percepção e os estudos **Piaget**.

A Geografia da Percepção, “encontra-se em ascensão, isto porque ela não contesta a ordem estabelecida e transfere ao individual, ao pessoal muitos problemas considerados por outros grupos como sociais. Ela não é contestatória frente a ordem dominante”.

A defesa do meio ambiente é comum aos geógrafos da percepção, aos ecologistas e aos marxistas, mas a forma de combater o mal os separa em 3 correntes distintas.

3 A CORRENTE ECOLÓGICA

Não há identidade ideológica entre os geógrafos que fazem a Geografia Ecológica. "Em comum eles defendem a preservação da natureza e combatem a política desenvolvimentista que vem financiando a devastação da vegetação natural, feita de forma indiscriminada, a implantação de indústrias altamente poluidoras, sem a utilização dos mecanismos que neutralizem os efeitos poluentes e a degradação das condições de vida e de alimentação das populações".

Em muitos pontos eles se aproximam dos Geógrafos Críticos e em outros com os da Geografia da Percepção.

4 - A CORRENTE CRÍTICA OU RADICAL

De acordo com os autores enfocados a Geografia Crítica não apresenta uniformidade de pensamento.

Os Geógrafos Críticos se subdividem em:

- A) geógrafos não-marxistas, mas comprometidos com reformas sociais
- B) geógrafos com formação anarquista que seguem Elisée Reclus e P. Kropotkin, em suas críticas a sociedade burguesa, propondo uma evolução libertária.
- C) geógrafos de formação marxista em que se distingue:
 - os marxistas heterodoxos - grupo que aceita Marx como pensador, como filósofo, mas leva em conta que Marx viveu e estudou na Europa no século XIX, não podendo haver transposição de seus pensamentos sem uma adaptação.
 - os marxistas mecanistas - grupo que aceita Marx como doutrinador e o marxismo como doutrina e quem procura transferir tudo como foi pregado. São os também chamados marxistas ortodoxos, que lêem Marx através de uma formação positivista ou neopositivista.

D) Os geógrafos anti-marxista, que se propõe a fazer uma análise crítica, partindo de formulações empíricas.

Críticos, enfim, são todos os "que se consciëntizarem da existência de problemas muito graves na sociedade em que vivem e compreendem que tanto Geografia Tradicional como a Quantitativa e a da Percepção, embora se apregoando **neutras**, têm um sério compromisso com o "Status quo", com a sociedade de classe.

A neutralidade científica apregoada, é um forma de esconder os compromissos políticos e sociais.

Os geógrafos críticos assumem seus compromissos ideológicos, sem procurarem esconder-se sob falsa neutralidade. Combatem o **tecnicismo**, por considerá-lo uma versão moderna da "ideologia da neutralidade científica" que acabou por dar embasamento, por exemplo, Nazismo, (através do conceito "científico" do "espaço vital"). Combatem ainda a estrutura acadêmica que possibilitou entre outros a despolitização ideológica do discurso geográfico, que afastou do âmbito dessa disciplina a discussão das **questões sociais**.

Roberto Lobato Correa situa as origens da Geografia Crítica no

final do século XIX, nas propostas dos anarquistas Reclus e Kropotkin dizendo que "ela não fez escola, submergida pela Geografia oficial, vinculada aos interesses dominantes. Justifica-se o renascimento da Geografia Crítica, a partir de 1960 dizendo: "na segunda metade da década de 60, verifica-se nos países de capitalismo avançado, o agravamento de tensões sociais, crises de desemprego e questões raciais. Simultaneamente em vários países do Terceiro Mundo, surgem movimentos nacionalistas e de libertação". O que se pensava então em termos de Geografia não satisfaz, isto é, não mascara mais a dramática realidade. As teorias de desenvolvimento foram reduzidas ao que efetivamente são: discursos ideológicos, no melhor dos casos empregados por pesquisadores ingênuos e bem intencionados".

No Brasil a Geografia Crítica nasce praticamente no 3º Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em julho de 1978, em Fortaleza.

Houve a partir de então, uma confluência de fontes diferentes alimentando a produção geográfica brasileira. Os geógrafos críticos voltaram-se para os trabalhos de Caio Prado Junior ("Formação do Brasil Contemporâneo"- magistral retrospectiva geográfica do Brasil), Sérgio Buarque de Holanda ("Raízes do Brasil"), Gilberto Freire ("Casa Grande & Senzala", "Nordeste" e "Continente e Ilha"), Josué de Castro ("Geografia da Fome" e "Geopolítica da Fome") entre outros.

Surgem então no Brasil, trabalhos como os de Orlando Valverde (na Revista Brasileira de Geografia), Manuel Correia de Andrade ("A Pecuária no agreste pernambucano" e "A terra e o homem no Nordeste"), Milton Santos (voltando de seu longo exílio) publica seu livro "**Por uma geografia nova**" em 1978, além desse "O espaço dividido" em 1979, "Manual da Geografia Urbana" em 1981, "Espaço & Método em 1985. Destacam-se ainda os trabalhos de Antonio Carlos Robert Moraes e Wanderley Messias da Costa (1984. O Boletim Paulista de Geografia, a partir do nº 54, passa também a trazer publicações de Geografia Crítica (como por exemplo: "As relações de trabalho no meio rural", no número 60 e sobre "Imperialismo" no nº 59).

Há grande intercâmbio entre o pensamento da Geografia Crítica e a sociologia e a economia de vanguarda, tendo grande público entre os leitores de geografia, sociólogos como Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni, José de Souza Martins; economista como Celso Furtado; filósofos como Marilena Chaui; historiadores como Fernando Novais, Carlos Guilherme Mota, Nelson Werneck Sodré, etc.

Em suas publicações os autores de Geografia Crítica passam a denunciar as **vinculações entre as teorias geográficas não críticas e:**

- O imperialismo,
- a idéia de progresso, justificando sempre uma apologia de expansão,
- o trabalho dos geógrafos ligado aos interesses do Estado,
- a relação homem-natureza, numa ótica que acoberta as relações entre os homens,

- observar a população de um lugar, sem atentar para sua divisão em classes.
- etc.

O autor que formulou a crítica mais radical, foi Yves Lacoste. em seu livro "A Geografia serve, antes de mais nada para fazer a guerra", ele afirma que "o saber geográfico manifesta-se em 2 planos:

- a Geografia dos Estados maiores,e
- a Geografia dos Professores".

Para ele, a "Geografia dos Estados-Maiores" sempre existiu ligada ao poder. Tanto os conquistadores (como Alexandre, Cesar, Napoleão) como os Estados e mais modernamente a direção das grandes empresas monopolistas, sempre patrocinara essa Geografia dos Estados-Maiores", que é feita, na prática, ao se estabelecer estratégias de ação no domínio da superfície terrestre". (1)

A "Geografia dos Professores" a qual chamamos Tradicional, para Locaste uma dupla função:

- apresentando o saber geográfico como um saber inútil, mascarando o valor estratégico de "saber pensar o espaço", tornando esse estudo desinteressante.
- levantar, de forma camuflada dados para a Geografia dos Estados Maiores e assim fornecer informações preciosas, sem gerar suspeita, pois tratar-se-ia de um conhecimento apolítico, e além do mais inútil.

"Locaste mostra esta relação entre os 2 planos discutindo o uso, pelo Departamento dos Estados Unidos das "ingênuas" teses francesas, nos bombardeios do Vietnã". (1)

Locaste coloca a Geografia como "instrumento de dominação da burguesia", pois afirma que tanto os Estados como as grandes empresas possuem uma visão integrada do espaço, coisa que o cidadão comum não possui. "O indivíduo conhece sua rua, seu quarteirão, seu bairro, o local de seu trabalho, os locais de seu lazer, uma localidade visitada nas férias", porém também esses lugares ele acaba por conhecer de uma forma parcial, concebendo-os com os olhos da classe social a que pertence, pois para 2 indivíduos esse mesmo trajeto, numa cidade, serão duas realidades completamente diferentes.

Para Locaste, o Estado que tem essa visão integrada de todos os lugares passa a fazer disso "uma arma de mais dominação".

Argumenta então: "é necessário construir uma visão integrada do espaço, numa perspectiva popular e socializar este saber" (...)

(...) "é necessário saber pensar o espaço, para saber nele se organizar, para saber nele combater".